Cultivando territórios: novos espaços alimentares

POR JULIA REIS

Oásis produtivo próximo à fronteira entre Marrocos e Argélia, 2012. © ACERVO PESSOAL, JULIA REIS

¶ PELA PRIMEIRA VEZ NA HISTÓRIA a população urbana superou a rural. Hoje 55% das pessoas vivem em centros urbanos e as projeções mostram que esse número deve chegar a quase 70% em 2050. Isso representa um aumento de 2,5 bilhões de pessoas vivendo em áreas urbanas. Dessa forma nos perguntamos: qual é o modelo de urbanização que queremos para as próximas décadas?

A resposta a essa pergunta depende da compreensão do aumento nos índices de urbanização como um desafio não só para as áreas urbanas, mas também para as áreas rurais e periurbanas – sejam elas produtivas ou naturais.

A história da cidade está intimamente ligada à história dos territórios produtivos – é uma co-evolução. De um lado temos a dilatação do espaço urbano e de outro o esvaziamento ou a dispersão no meio rural. Duas esferas indissociáveis, que trabalham dentro de uma relação de interdependência: estão ligadas econômica, social e ambientalmente.

A maior parte do crescimento populacional é esperado em cidades localizadas em regiões menos desenvolvidas. Até 2050, a população de Lagos, na Nigéria, terá dobrado mais uma vez, o que fará dela a terceira maior cidade do mundo. De acordo com o relatório das Nações Unidas de 2019, "*Revision of World Population Prospects*", no Brasil, 76% da população vive nos grandes centros urbanos, e a tendência é de elevação desse percentual nas próximas três décadas. Conforme pontua Jared Diamond, em "Armas, Germes e Aço", o que levou o ser humano a viver em cidades foi a necessidade de estar junto de suas plantações para garantir a produção de alimentos. Quando o homem passa da vida nômade, de coletor-caçador, para a agricultura e a domesticação de animais, ele cria também a possibilidade da estocagem de alimentos excedentes. É o excedente que possibilita o surgimento de outras atividades econômicas, colaborando para o adensamento populacional. Nesse sentido, as cidades se consolidaram com base na agricultura, porém a criação de cadeias de distribuição de alimentos de escala regional, nacional e global acabaram por enfraquecer a relação do homem com o cultivo da terra.

O debate sobre o desaparecimento do conceito de rural como é conhecido até hoje, fruto do processo de meta-urbanização do planeta, tem feito muitos teóricos se voltarem para o campo como objeto de estudo.

A exposição "*Countryside: The Future*" (*Guggenheim Museum*, Nova Iorque, 2020), com curadoria de Rem Koolhaas e Samir Bantal, coloca o ambiente rural no foco do pensamento crítico atual. Como uma espécie de manifesto, a exposição alerta para que os arquitetos olhem para fora dos limites das cidades. Como antecipa o catálogo, os territórios rurais, remotos e selvagens a que chamamos "campos", ou os 98 % da superfície terrestre não ocupados pelas cidades, constituem a linha da frente onde hoje atuam as forças mais poderosas – a devastação ecológica, as migrações e a tecnologia. Esses locais estão mudando de maneira rápida e muitas vezes oculta, causando importantes transformações já em curso nas vastas áreas não urbanizadas do planeta.

CONTINUUM URBANO-RURAL

Dado o espraiamento das cidades, as fronteiras entre o meio rural e o urbano têm se diluído cada vez mais, consolidando o chamado *continuum,* conceito criado pelo antropólogo americano Robert Redfield em 1930 em seu ensaio sobre Tepoztlan no México.

Também chamadas *Urban-Rural Linkages (URL),* pela ONU HABITAT, tais interações urbano-rurais podem ser entendidas como "vínculos" ou "fluxos" (Douglass, 1998), se relacionando a pessoas (migrações, mudanças demográficas), bens e serviços públicos (sistemas agroalimentares, infraestrutura e transporte,

Linha de distribuição de energia entre as cidades de Nampula e Meconta, Moçambique, 2016. © ACERVO PESSOAL, JULIA REIS

energia e informação) ou meio ambiente (serviços ecossistêmicos, uso da terra). Quando se trata da análise dos territórios alimentares, se fazem necessárias políticas públicas integradas que fortaleçam os laços econômicos, sociais e ambientais dentro do planejamento e da agenda urbana. Expandir o interesse urbano nos sistemas rurais traz desafios políticos, institucionais e culturais que têm suscitado experiências notáveis nos últimos anos.

O caso do Cinturão Verde Metropolitano (MGB, na sigla em inglês), um dos 17 projetos integrantes do *2nd Compendium of Inspiring Practices on Urban-Rural Linkages* desenvolvido pela ONU HABITAT em 2021 é exemplo concreto de uma estratégia de planejamento que considera integralmente as costuras entre áreas de urbanização planejadas e informais do território e seus avanços sobre o ambiente rural do Vale do Aburrá na Colômbia. O projeto abarca dez municípios da Área Metropolitana do Vale do Aburrá, além da cidade de Medellín, e presta serviços ecossistêmicos de preservação, dialogando com as particularidades de cada município a partir dos POT (Planes de Ordenamiento Territorial), atuando sobre três pilares: Cinturão Externo, Estrutura de Conexão Ecológica e Sistema de Transição Urbano-Rural.

Iniciativas como o MGB trabalham a partir de uma abordagem holística de articulação e cooperação entre diferentes atores (municipalidades, universidades, comunidades e setor privado), e são capazes de preservar os ecossistemas naturais ao mesmo tempo em que melhoram a qualidade de vida das populações mais vulneráveis que os habitam através de um sistema de governança integrado no território.

Paisagem periurbana nas proximidades da ferrovia de acesso a cidade de Gênova, Itália, 2021. © ACERVO PESSOAL, JULIA REIS

Somente a partir da descentralização e da atuação sobre o *continuum* será possível desenvolver e direcionar recursos de forma mais balanceada entre as zonas urbanas, rurais e periurbanas, colaborando para um processo de ocupação do território democrático e integrado.

A emergência climática que enfrentamos hoje clama por um novo modelo de urbanização para as próximas décadas, capaz de diminuir as desigualdades territoriais em direção a paisagens resilientes aos desafios de uma urbanização acelerada iminente. ×

JULIA REIS É ARQUITETA URBANISTA (MACKENZIE 2014), PÓS-GRADUADA EM GEOGRAFIA, CIDADE E ARQUITETURA (ESCOLA DA CIDADE 2018) E MESTRA EM ARQUITETURA, EMERGÊNCIA, RESILIÊNCIA (IUAV VENEZA 2021). É COFUNDADORA DO ESTÚDIO LAVA, INTEGRANTE DA DIRETORIA DO IABSP E PROFESSORA ASSISTENTE NA ESCOLA DA CIDADE.

Artigo publicado originalmente em 19/03/2022 em:
↗ bit.ly/4678VoT

REFERÊNCIAS

DIAMOND, Jared. *Armas, Germes e Aço: Os Destinos das Sociedades Humanas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017. p. 87-150.

DOUGLASS, M. *A regional network strategy for reciprocal rural-urban linkages. Third World Planning Review*, 1998, 20(1), 1–35.

UN-HABITAT. *Compendium of Inspiring Practices on Urban-Rural Linkages*. Urban Policy Platform, 2021.